

O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»
DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECTORES

DAVID D'OLIVEIRA
DUARTE FRAGA
EDUARDO D'ALMEIDA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

Legítima - Defesa

Razões que convém divulgar

Defender eficazmente a República, é defender, por palavras e por obras que lhes correspondam, todos os seus princípios. E é claro que essa defesa importa uma obra de educação que tem de ser constante e uma obra de vigilância que não pode ter descuidos.

Olhou-se apenas para os adversários que se compraziam na conspiração vulgar, que buscavam nas armas o processo de destruir a República; e deixaram-se em paz, com liberdade absoluta, os que, em cargos de maior responsabilidade e influência, se empenhavam em contrariá-la e diminuí-la, animando todas as manifestações retrógradas que lhe eram hostis e depreciando sistematicamente todas as manifestações da sua acção governativa.

Criaram-se, nas escolas, no exército, na magistratura, nos serviços públicos, núcleos de acção e de propaganda reaccionária, que livremente se foram desenvolvendo, sem que qualquer acção e propaganda adversa os batesse e a natural vigilância do estado republicano os dispersasse.

Feita a República, objectaram sempre certos republicanos, a quem se ponderava a necessidade de prosseguir na propaganda do regime, ou dos seus princípios, que já não havia necessidade de dizer mal da monarquia, toda a propaganda se reduzindo assim em sua opinião, a bater num morto.

O erro — e que grosso erro! — vinha de se entender que a propaganda republicana se reduzia a dizer mal da monarquia, e que isso só era preciso enquanto a monarquia vivia; mas a verdade é que se a monarquia morresse não morresse o espírito monárquico e era contra ele que continuava a dominar e até a inquinar muitos dos actos da República, que era preciso continuar a propaganda para que já não servissem as apóstrofes violentas das velhas campanhas destrutivas, porque tinha de ser agora uma lição constante, serena, persuasiva, sem dispensar a paixão que comunica e cativa mas sem lhe sacrificar a razão que disciplina e dirige.

A todo o tempo, porém, é tempo de emendar os velhos erros, e de tanto quanto possível remediar os seus prejuízos.

Para essa obra de emenda e de reparação é que nós chamamos todos os republicanos, convidando-os a reflectir bem na lição dos acontecimentos e a dela não tirarem incentivos para a violência dum desforço, nela colhendo antes estímulos e razões para atitudes diferentes e melhores.

Não estamos repêso de haver-mos defendido e praticado tal doutrina, porque continuamos a ser contra todas as violências, todas as intolerâncias, todos os ódios.

Nem estamos mesmo arrependidos da ampla generosidade com que, em horas difíceis, tratamos

certos adversários que em regra nos trataram depois como se fôssemos os seus piores inimigos.

Mas reconhecemos agora que a República não pode dispensar-se de olhar mais atentamente pela sua defesa, observando como a servem os que no exército, na magistratura, no ensino, no funcionalismo se comprometeram a respeitá-la, acatando as suas leis e de nenhum modo atentando contra a sua vida.

Porque nos tem sido dado observar que há, em todas as classes, quem mostre pela República mais do que indiferença, porque há quem por várias formas lhe signifique o seu desdém ou o seu ódio.

Não pode servi-la e defendê-la quem a considera oposta aos interesses nacionais, e assim o declara, nem quem, tendo de aplicar as suas leis, desdenha do espírito que as domina, tendo de educar as gerações novas, proclama audaciosamente a falência dos seus princípios, e tendo de dirigir ou trabalhar nos vários serviços a seu cargo os desempenha com a má-vontade natural de quem se lhe não sente preso por quaisquer laços.

Ninguém desembainha uma espada por uma causa que reputa má, nem à defesa duma causa que reputa má há quem possa seriamente prender-se por um juramento que de tal sorte, será sempre uma mistificação.

Quem julga e ensina há-de fazê-lo necessariamente mais de acordo com os princípios que confessa do que com os princípios que o Estado que serve, lhe impõe que respeite, aplique e propague. E, sendo assim, a República não pode ter nos seus postos de defesa — que são todos os que interessam à sua existência, e ao prestígio e à difusão dos seus princípios — senão quem realmente lhe queira e a sirva com fé, e nunca os que contra ela de facto se voltam, dando à sua hostilidade, por tantos modos exteriorizada, a autoridade natural dos próprios cargos que ocupam.

Fazer isso não implica interditar a quem quer que seja a livre adopção de quaisquer ideias; porque significa apenas que a República não pode manter e estipendiar quem perflha, defende e proclama ideias que lhe são contrárias, quem contribui para contra ela trabalhar pela vitória dessas ideias, quem num dado momento pode pôr a fôrça que o seu cargo lhe empresta ao serviço do seu triunfo.

Não, não, a República precisa de precaver-se.

Os seus inimigos, tantos que se escondiam por trás do biombo duma neutralidade ou duma indiferença enganosa, mostraram-se, agora, tais quais são, servindo-se dos postos que lhe confiaram para o ataque cerrado que lhe movem.

Compreende-se que a República não suspeite dêste ou daquele, por

PRINCÍPIOS

Somos portugueses. Amamos a Pátria sobre todos as cousas.

Somos republicanos. Defendemos o regime até à última gota de nosso sangue.

Não queremos, nunca quisemos e jámais quereremos quaisquer ligações, na nossa vida política, com monárquicos.

Os monárquicos só podem servir com lealdade um regime: — a monarquia.

Um monárquico servindo a República — eis um contrasenso, que tem geralmente por remate uma traição.

A lição de 1919 ainda nos não esqueceu.

A República só pode ser servida com lealdade pelos republicanos. Verdade insofismável, que só os cegos não a querem ver.

Somos pela ordem. Isto é, somos pelo regular funcionamento do mecanismo constitucional do Estado.

Não temos responsabilidades no passado. Os erros cometidos não são culpa nossa. Procuramos construir um futuro em que esses erros não mais se pratiquem.

Respeitamos os adversários que lealmente nos combatem. Deprezoamos todos os que, servindo-se de circunstâncias que tornam as armas desiguais, em vez de combater, insultam, e em vez de discutir, praguejam.

Não tememos a discussão, seja com quem fôr, seja em que campo fôr. Com esta condição essencial: — que o nosso pensamento não sofra peias, que a sua expressão seja inteiramente livre.

— Primeira parte da resposta ao *Comércio de Guimarães*...

simples palpite, ou méra denúncia; mas já não se compreende que verificada, em públicas manifestações, a sua hostilidade, ela conserve como amigos, em lugares onde a combatem, os que têm apenas o empenho de a suprimir. Nem intolerâncias, nem violências, nem ódios.

Apenas a legítima defesa, feita sem desnordeamentos, mas realizada sem fraquezas deprimentes e perigosas.

P. JUNIOR.

A bilha quebrada

(Milagre de S.^{to} Antonio)

Santinho, deixa que eu conte,
Como tu ias sonhar,
No teu sentir d'encantar,
Ouvindo a canção da fonte:

Ias tu, jovem-bambino,
No teu sentir de criança,
Nesse lugar de bonança,
Conversar com o Deus-Menino.

Chegavam as raparigas,
E ao verem-te sósinho,
Falavam-te de mansinho,
E por ti havia intrigas.

O teu olhar sonhador,
Cobiçavam-no p'ra elas,
Podias ter as mais belas,
Se não fosses do Senhor.

E um dia, oh! maravilha,
Viu-se coisa de pasmar!
Uma p'ra ti a olhar,
No chão lhe caiu a bilha.

E ao ver a bilha quebrada,
Soluçava, dando ais,
Era pobre e ainda mais,
Vendo a bilha mutilada.

E tu ao veres essa dor,
Juntaste os bocadinhos,
E depois d'assim juntinhos,
Baixinho, oraste ao Senhor.

E den-se o milagre então:
A bilhasinha quebrada,
Estava já concertada,
Com a bênção da tua mão!

Maga.

Recenseamento Eleitoral

Os republicanos de Guimarães têm sabido, no geral, cumprir o seu dever, inscrevendo-se nos cadernos eleitorais.

E' cada vez mais forte a nossa esperança num futuro melhor. Realizando-se as eleições, e concedidas as condições essenciais para a elas livremente poderem concorrer, os republicanos vimaranenses, assim como os de todo o país, vão provar de uma maneira eloquente e insofismável que a nação ama os princípios democráticos, não querendo, de forma alguma, retrogradar.

Até ao dia 10 do corrente mês pode ainda qualquer cidadão eleitor requer a sua inscrição no recenseamento, quer para as juntas, quer para as câmaras municipais e legislativas.

Assim o dispõe, *expressamente*, sem dar lugar à mínima dúvida, o n.º 7.º do art. 7.º do decreto n.º 19.694:

— «Até 10 de Julho todos os cidadãos com direito de voto poderão apresentar ao funcionário recenseador requerimento em papel comum e devidamente instruído para a sua inscrição nos cadernos eleitorais.»

Portanto, quem ainda se não inscreveu, pode fazê-lo dirigindo o seu requerimento, nas condições por mais de uma vez expostas, ao sr. secretário da Câmara, que é o único funcionário recenseador.

Que nenhum republicano deixe chegar o dia 10 sem ter promovido a sua inscrição!

Aqueles que precisem de qualquer esclarecimento, devem dirigir-se ao Centro Republicano ou a qualquer dos membros da Grande Comissão.

Não há desleixo, não há esquecimento, não há nada que possa justificar a falta de um único cidadão no recenseamento.

Lembram-se os republicanos de que os monárquicos e todos os demais reaccionários já andam apavorados pelo simples facto de verem como a Aliança Republicana tem procedido em face do anunciado acto eleitoral!

Pela Democracia!
Pela Republica!

Questão velha Questão nova

Os meus hipotéticos leitores devem estar lembrados da antipatriótica faina dos nossos reinados talassas e dos reinados monárquicos espanhóis, por ocasião da implantação da República em Portugal. De mano, *ejusdem furfuris*, estes servos do trono forjaram as mais tétricas notícias, inventaram sangueiras horripilantes, guerras civis, assaltos, assassinatos, eufim, todas as calamidades capazes de pôr em pé os cabelos ao mais calvo dos conselheiros. Perseguições aos *fradinhos*, saques aos conventos, ataques à propriedade, tudo eles teceram com judaica teimosia e puseram a circular em céleres telegramas, que num ápice se derramavam por esse mundo de Cristo. Era a guerra à República. Era desleal, traiçoeira, mas era guerra a seu modo, como eles a sabem fazer. Pulha, mas cómoda. Anti-patriótica, mas fácil e sem riscos.

Lembram-se? Passaram-se os anos, a campanha covarde foi enfraquecendo, mas sem nunca acabar por completo. De vez em quando, a imprensa contrária ao regime levantava as mais infames atoardas, forjava escândalos, explorava até simples e ridículos «casos do dia» em desprestígio da República e dos republicanos. Tempo houve em que os próprios republicanos, arrastados pelas ruínas paixões partidárias, alimentaram esses desvarios. Misérias que nada justificam. Lembram-se? Dêste modo se portaram os reinados talassas portugueses, de mãos dadas com outros reinados talassas espanhóis.

Era pulha esta atitude, era anti-patriótica, mas era cómoda, era fácil.

Implantada a República em Espanha ¿que é que se observa? A mesma, a *mesmíssima* cousa. Boatos, atoardas, intrigas, os acontecimentos alterados, deturpados, e telegrama, insidiosamente forjado, a derramar-se, célere e mentiroso, e mentiroso, por toda a parte.

Monárquicos portugueses, outra vez de mano com os seus correligionários espanhóis, movem a mesma campanha de descrédito, de ódio, às instituições democráticas, dando-as como fonte de todos os malefícios, de todas as perversões de todos os crimes. A mais leve alteração da ordem, caso freqüente em tais momentos da vida dos povos, é explorada com alarde e má-fé, deformada até ao exagêro, nas suas causas e nas suas consequências, e condimentada de modo a dar ao mundo mais uma prova da desordem e da anarquia, que se alampam, dizem os corifeus do trono e do altar, na própria essência da Democracia.

A mesma cousa: o mesmo plano de ataque, os mesmos processos de combate — a guerra desleal, traiçoeira, única que são capazes de fazer, que sabem fazer, que a mais não monta a sua inteligência e a sua devoção.

Confrontem uma e outra época, a da implantação da República em Portugal e a da restauração

BENJAMIM DE MATOS & C.^a, LIMITADA

Toural — GUIMARÃES



SEDE
LOJA DO LEQUE

TELEFONE N.º 64

Fazendas de lã, seda e algodão — Fazendas brancas — Malhas — Perfumarias e miudezas — Pa-péis para forrar casas — Maquinas de escrever

FILIAL
CASA HIGH-LIFE

TELEFONE N.º 230

Modas e Miudezas — Camisaria — Gravataria — Luvária — Perfumarias — Meias de seda e : : : algodão — Artigos para bordar : : :



Atelier de modista de Ismênia Augusta de Matos — Rua Gil Vicente — Telefone n.º 64
Sempre novidades em tecidos de lã, algodão, fantasias e sedas diversas
: : Preços reduzidos — Vendas só a dinheiro — Perfiram sempre estas casas : :

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães { Telefone N.º 146
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

VERNIZES

LOUÇAS

POLVORAS

VIDROS

CAIXILHOS

Casa das Gravatas

DE

Dias & Carvalho, L.^{da}

43 — RUA DA REPUBLICA — 47

TELEFONE 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA
COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEÇAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

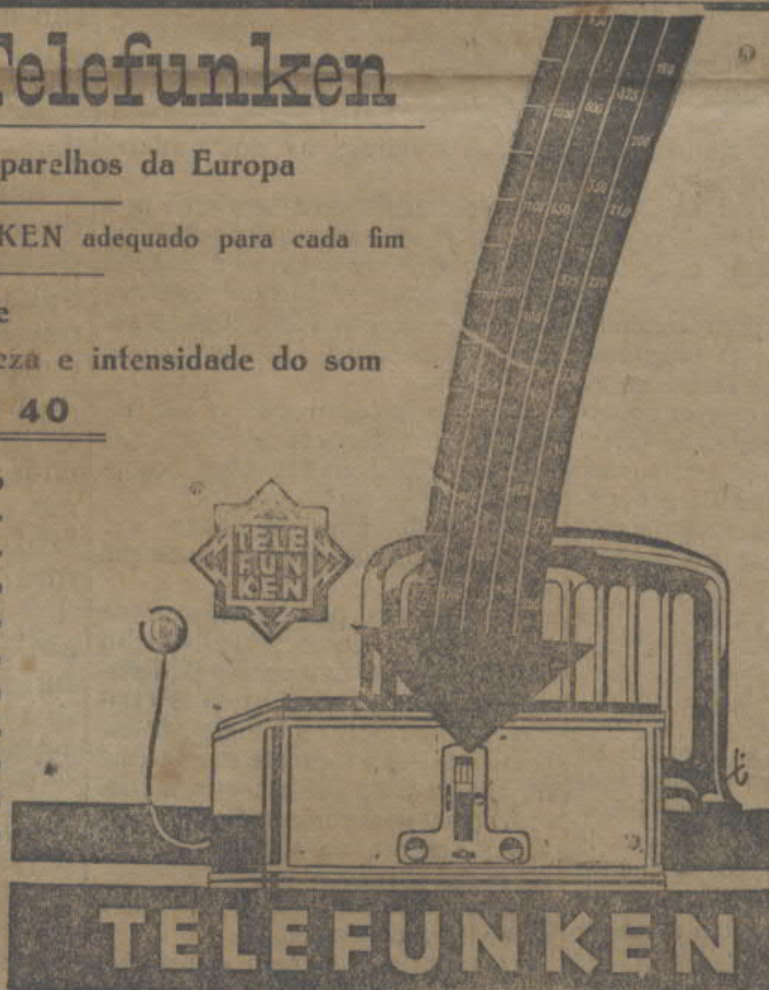
Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o de-mais. Sua simples ma-nobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente dessiminado. Peça V. Ex. uma demonstração sem compromisso nem encargo ao

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES



TELEFONE 181

GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

Joaquim Leite Monteiro

que é também o representante das maquinas de escrever L. C. SMITH e CORONA, que são reputadas ás de modelo mais perfeito e as de maior duração

28 — Rua 31 de Janeiro — 30

GUIMARÃES

PAPELARIA,
PERFUMARIA
E TABACOS

Gramofones
— e discos —

Papeis de em-balagem, Fio, Papelão e ma-quinhas de es-
: : crever : :

Papelaria Central

Praça D. Afonso Henriques

— TELEFONE 140 —

Artigos fotograficos
Unica casa de Especialidade

"O POVO DE GUIMARÃES"

SEMANARIO REPUBLICANO

Rua 5 d'Outubro N.º 33

GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24\$00 Esc.	Cada linha	\$50 cent.
Africa	23\$00 .	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais.	
Brasil (moeda brasileira)	20\$00 .	Comunicados, linha	\$60 .
Estrangeiro	40\$00 .	Imposto do selo	\$15 .
Número avulso	\$50 cent.	Linômetro tipo corpo 8.	

Ex.^{ma} Snr.

Redacção da "Revista de Guimarães"

Guimarães

Deposito da Cal da Figueira

DE

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA
Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre
das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio

GUIMARÃES